

**MARECHAL CÂNDIDO MARIANO RONDON, O PATRONO DA ARMA DE COMUNICAÇÕES,
NO SESQUICENTENÁRIO DE SEU NASCIMENTO, EM 5 DE 2015 –MEMÓRIA.**

Coronel Cláudio Moreira Bento

Presidente da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História(ACANDHIS).

SUMÁRIO

Significação histórica

Naturalidade, filiação, família e primeiros tempos

Formação militar e a filosófica positivista

A carreira militar

O soldado Rondon e as revoluções

Principais funções exercidas por Rondon

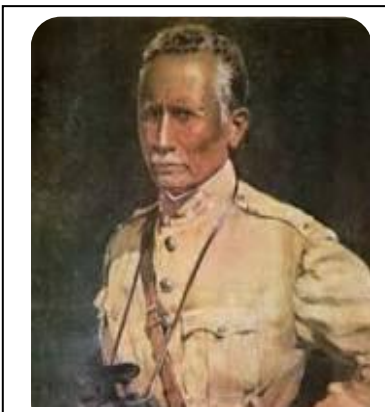
A projeção da obra ciclópica de Rondon

A consagração de Rondon

Projeto Rondon – a consagração universitária de Rondon

**Marechal Rondon o Patrono da Delegacia da FAHIMTB em Santo Ângelo RS, sede do
1º Batalhão Divisionário de Comunicações, o Guardião do Museu Marechal Rondon**

Significação histórica



1- cel Rondon , com strutor de linhas telegraficas .2- General Rondon, o pacificador da Revolução de 1924, no Paraná e Santa Catarina -3- Marechal Rondon o Patrono da Arma de Comunicações do Exército.

O historiador e geógrafo General Rondon

O Marechal Cândido Mariano Rondon, o maior desbravador, civilizador, sertanista, bandeirante e inspetor militar de fronteiras mundiais, em terras e selvas tropicais, foi consagrado pelo Dec. 51.560, de 26 abr 1962, patrono da Arma de Comunicações, por haver chefiado a implantação, no Brasil, de 8.000 Km de linhas telegráficas. Por quase 40 anos, este foi um fator de Integração, Unidade e Desenvolvimento, além de ser essencial ao exercício da Soberania Brasileira sobre a imensa faixa de fronteiras e sobre os grandes vazios demográficos, na Amazônia e no Centro Oeste. A obra de Rondon foi também fundamental para apoiar a Marcha para Oeste e para o Norte, uma preocupação que vinha desde o Império, para que os vazios demográficos do Centro Oeste e do Norte fossem a cada dia mais integrados, povoados e explorados economicamente e, por via de consequência conquistassem maior expressão política. Em virtude desse pensamento, surgiu o Projeto Rondon, que, sob a inspiração de sua vida e obra, provocou, de 1968 a 1989, a marcha em especial para o Oeste e para o Norte, da Universidade Brasileira, através de seus alunos em férias, que conhecerem, por meio de estágios de serviços, as realidades brasileiras, ao vivo e não na teoria.

Linhas telegráficas que com seus picadões de 40 metros de largura, prestariam relevantes serviços à circulação humana e de riquezas, com maior capacidade que as primitivas e estreitas trilhas indígenas. Foram elas também fator de Paz Social, por levarem em sua vanguarda Rondon – "O Pai Branco," o "Apóstolo das Selvas," de nossa população indígena, por ele redimida, valorizada, protegida de massacres e explorações, compreendida e amada, e fiel a seu lema –

"Matar, nunca. Morrer se preciso for!"

Rondon como soldado, no Paraná e em Santa Catarina, teve brilhante desempenho pacificador ao evitar mal maior. Perguntado ao General Gamelin, chefe da Missão Militar Francesa (MMF), na hipótese de uma guerra qual general seu ex-aluno que indicaria para comandar o Exército Brasileiro? Respondeu - o General Cândido Mariano Rondon!

Rondon soube bem conciliar a sua filosofia Positivista – a Religião da Humanidade, com a profissão de Soldado do Brasil, do que deu cabal demonstração de conhecimentos, como aluno da Missão Militar Francesa (MMF), nas Manobras de Saicã, em 1922 e, em Pirassununga, em 1926 e, na pacificação da Revolução de 1924, no Paraná e em Santa Catarina. E, como positivista, adepto da Religião da Humanidade, ao impor-se ao mundo por sua obra ciclópica, sem igual, de explorador de selvas tropicais e de proteção e integração do índio brasileiro a comunidade nacional.

Foi o delegado do Ministro da Guerra Pandiá Calógeras para, como Diretor de Engenharia do Exército, semear modernos e confortáveis quartéis pelo Brasil,

os quais, cuidados com desvelo por seus ocupantes, há mais de 90 anos prestam valiosos serviços ao Exército .

Este grande brasileiro, pelo conjunto de sua obra monumental, foi consagrado, de justiça na voz da História, pelo Povo Brasileiro, como Marechal Honorário do Exército, por decisão do Congresso Brasileiro, traduzido na Lei nº 2.409 de 27 jan 1955, além de ser dado o seu nome ao Território e atual Estado de Rondônia que ele desbravara. Em seus quase 93 anos de utilíssima vida, o Marechal Rondon foi fidelíssimo ao seu pensamento:

"Mais importante que a vida é o espírito com o qual a vivemos."

Seu nome foi imortalizado e consagrado internacionalmente, na Sociedade Geográfica de Nova York, quando foi inscrito em letras de ouro sólido, ao lado de outras três grandes sumidades internacionais:

Amundsen - O descobridor do Pólo Sul.

Peary – O descobridor do Pólo Norte.

Byrd – O explorador que mais fundo penetrou em terras árticas.

Rondon – O explorador que penetrou mais extensamente em terras tropicais.

Já o ex-presidente dos EUA, Coronel Teodoro Roosevelt, depois de viajar pelo Mato Grosso e Amazonas guiado por Rondon, assim interpretou a sua obra em entrevista em jornal de New York:

"A América pode apresentar ao mundo duas realizações ciclópicas: Ao Norte, o Canal do Panamá, e ao Sul, o trabalho do Coronel Rondon – científico, prático e humanitário."

A grande e nobre aventura de sua utilíssima vida, devotada à Humanidade e ao Brasil, ele a contou a sua amiga e vizinha, a escritora Esther de Viveiros, durante quase 8 meses de convívio diário e com apoio em consultas a seus diários. O resultado foi a citada escritora traduzir seu trabalho na obra **Rondon conta a sua vida**. (Rio de Janeiro: Cooperativa Cultural dos Esperantistas ,1969, de 617 páginas). Trabalho prefaciado pela acadêmica de Letras Raquel de Queiroz que escreveu:

"De Rondon o biografado, Esther de Viveiros conta. E verão como ela conta maravilhosamente bem!"

Rondon, por sua obra em prol da Paz, ideal que esteve sempre presente e perseguido em suas atuações, foi proposto, em 1957, por 15 nações para o Prêmio Nobel da Paz.

Naturalidade, filiação, descendentes e primeiros tempos.

Cândido Mariano Rondon nasceu em Mimoso, antiga sesmaria de Morro Redondo, próximo de Cuiabá, em 5 mai 1865, há 150 anos depois de Cuiabá ter sido ameaçada de ser conquistada pelos paraguaios, o que não conseguiram por ter sido barrado o seu avanço em Melgaço, pelo Almirante reformado Leverger, hoje patrono de cadeira especial da FAHIMTB, posição que ele ocupara em 20 jan 1865. Foi assim, Rondon nasceu com parte de Mato Grosso invadido e sua população isolada e em pânico. Seu pai foi Cândido Mariano da Silva, falecido antes de ele nascer (no final de dezembro de 1864), quando teve lugar a invasão de Mato Grosso, ao tempo do ataque paraguaio, ao Forte de Coimbra, em 29 nov 1864, Sua mãe, D.Claudina de Freitas Evangelista da Silva, faleceu quando Rondon tinha 2 anos. Órfão de pai antes de nascer e de mãe quando ainda não tinha percepção da perda, foi criado pelo avô paterno que o ensinou a ler. Aos 7 anos foi viver em Cuiabá com o tio, Manoel Rodrigues, que ficou viúvo, quando Rondon tinha 9 anos. Frequentou a escola do mestre Cruz e alternava estudos com as funções de ajudante na venda do tio.

A seguir, em 1874, aos 9 anos, foi cursar a Escola Pública. Concluiu o primário aos 13 anos. Daí foi para a Escola Normal que concluiu com distinção aos 16 anos, em 1881.

Foi nomeado professor, quando então decidiu ingressar no Exército, o que fez em 26 nov 1881, no 2º Regimento de Artilharia a Cavalos e na qualidade de soldado, com destino à Escola Militar da Praia Vermelha. Foi incluído na 4ª Bateria então comandada pelo Capitão Hermes da Fonseca, que seria em 1884, Ajudante de Ordens do Marechal Gastão de Orleans e Conde D'Éu, como Comandante das Forças da Corte, por ocasião de Manobras de 8 dias de duração, na região de Campo Grande do Realengo. Decorridos 21 anos o então General Hermes da Fonseca como comandante da atual 1ª Região Militar, realizaria ali, em 1905, as célebres manobras de Santa Cruz, de grande expressão na transição do bacharelismo, para o profissionalismo militar, em decorrência da Revolta da Vacina Obrigatória de 1904 na Escola da Praia Vermelha. Esta é a razão da atual denominação histórica da 1ª Região Militar, Marechal Hermes da Fonseca, cujo processo tivemos a honra de sugerir e instruir historicamente, como integrante do EM/ 1ª RM. Resgatamos da injustiça decorrente da Proclamação da República a figura do Conde D'Éu, hoje denominação histórica da AD/6, na obra **Artilharia Divisionária da 6ª DE AD Marechal Gastão de Orleans**. Porto Alegre: AHIMTB/Promoarte, 2003.p.19/41. Obra em que tivemos como parceiro o acadêmico benemérito da FAHIMTB, Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis.

Rondon casou em 1º fev 1992 com Francisca Xavier (Chiquita), aos 27 anos. Serviram-lhe de padrinhos o Cel Ernesto Gomes Carneiro, futuro herói mártir do Cerco da Lapa no Paraná, em 1893, e atual denominação histórica do 7º BI Mtz em Santa Cruz do Sul – RS, e a viúva do General Benjamin Constant, seu antigo mestre e amigo na Escola Superior de Guerra, em São Cristóvão.

Deste feliz consórcio nasceram: Heloisa Aracy, em 13 nov. 1892, nome homenagem à última filha de Benjamin Constant; Bernardo Vito Benjamin, em 28 abr 1894, também homenagem a Benjamim Constant, Clotilde Teresa, homenagem a Clotilde Devaux, ligada ao Positivismo; Marina Sylvia; Beatriz Emília; Maria de Molina e Branca Luiza. Em 1969 descendiam de Rondon 30 netos e 20 bisnetos

Ao retornar Letícia, em 1934, de sua missão pacificadora, mandou erguer com seus recursos próprios, em Mimoso-MS, a Escola Santa Claudina, em homenagem à mãe, e a Escola Rural Cândido Mariano da Silva, em homenagem ao pai de quem herdou o nome próprio. Da mãe herdara o sobrenome Rondon. A sua esposa Francisca, assim a lembrou no Congresso, em cerimônia que o consagrou Marechal Honorário do Exército:

"Vida de amor foi a de Francisca, por isso eterna, pois eterno é o viver para outrem."

Formação militar e a filosófica positivista

Cursou na Escola Militar da Praia Vermelha (1883-85), o Curso Preparatório em 1883, o de Infantaria, Cavalaria e Artilharia, Por motivo de perturbações digestivas, que curou com ingestão de suco de abacaxi segundo contou, repetiu o 2º ano em 1886 e fez o 3º ano em 1887. Em 1888 fez o Curso de Estado - Maior de 1ª Classe. Em 1889 cursou Matemática e Ciências Físicas e Naturais, da Escola Superior de Guerra de onde saiu, em 8 jan 1890, com o título de Engenheiro Militar e com o diploma de Bacharel em Matemática e Ciências Físicas e Naturais. Foi o 1º lugar do Curso em sua turma.

Rondon foi um fiel seguidor do Mestre Benjamin Constant, na Filosofia Positivista – a Religião da Humanidade, pregada por Augusto Comte. E, em decorrência, a favor da Abolição e da República, em cuja conspiração tomou parte com Augusto Tasso Fragoso. Isto ao servirem de ligação, a cavalo, do foco revolucionário concentrado em São Cristóvão e na madrugada de 15 nov 1889, com o Alte Wandenkolk no Clube Naval. Ao falecer, foram as últimas palavras de Rondon: **"Viva a República!"**

Aliás, Rondon e Tasso Fragoso foram coerentes com as suas carreiras destinadas à Defesa Militar do Brasil e com a Religião da Humanidade, valores que conciliaram. Ambos foram profissionais militares de escol, ao contrário de muitos companheiros, que usaram a profissão militar como escada de ascensão social, e não foram fiéis a sua destinação de defender o Brasil em nome da Religião da

Humanidade. Atitudes que em grande parte foram responsáveis pelo grande equívoco do ensino do Exército de 1874 a 1905, sobre a égide do bacharelismo militar que atuava preconceituosamente contra os profissionais militares chamados depreciativamente de “**tarimbeiros**” e os cursos militares profissionais, de “**cursos alfafa**”.

E sobre eles pesam as responsabilidades pelas tragédias da Guerra Civil (1893-95) na Região Sul, da Revolta na Armada (1893-94) e da Guerra de Canudos em 1897, situação que Tasso Fragoso, positivista, conforme abordamos em artigo "General Augusto Tasso Fragoso" (**Revista A Defesa Nacional** nº 750 nov/dez 1990 p. 105/117), começaria a ajudar a reverter com sua estada na Europa, para corrigir sequelas de ferimento a bala recebido no combate da Armação em 1893 para debelar a Revolta na Armada. Isto ao constatar o enorme fosso doutrinário entre os exércitos da Europa e o do Brasil, ocasião que em artigo na **Revista do Brasil** sugeriu a criação do Estado – Maior do Exército, o que seria concretizado pelo Ministro da Guerra General João Nepomuceno Medeiros Mallet. Iniciativa marco de uma virada de 180 graus no rumo do Ensino do Exército concretizado com o Regulamento de Ensino de 1905, ponto de inflexão do bacharelismo para profissionalismo militar que até hoje se sustenta e imposto, em decorrência da Revolta da Vacina Obrigatória da Escola Militar da Praia Vermelha em 1904, seguida de seu fechamento e logo a seguir extinção, para ressurgir em 1906, em Porto Alegre de 1906-11, como Escola de Guerra, cujos alunos dela egressos iriam liderar a profissionalização do Exército. Constatar é obra de simples raciocínio e verificação de nosso artigo "A Esquecida Escola de Guerra de Porto Alegre no ensino acadêmico militar do Exército de 1792- Atualidade." (**Revista do IHGB**, 155(383): 423-427, jan/mar. 1994) e de nosso álbum **Escola de Formação de Oficiais das Forças Armadas do Brasil**. (Rio de Janeiro: FHE/POUPEX . 1989) e em nosso livro **História Casarão da Várzea 1885-2008**. Resende; AHIMTB/IHTRGS, 2009 e hoje a atual Caserna do CMPA.

Tasso Fragoso analisou os desvios de falsos positivistas e suas consequências para o Exército, na apresentação do clássico: **A batalha do Passo do Rosário** (Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1922). Obra que o elevou à condição, para alguns, de "Pai da História Militar Crítica do Brasil". Vale a pena ser lida a sua apresentação!

Sobre Rondon, positivista, debatemos com o Cel João Marinônio Aveiro Carneiro e muito o auxiliamos em sua obra **Filosofia e educação na obra de Rondon** (Rio de Janeiro : BIBLIEx ,1988) .Colaboração na interpretação e subsídios ao título - O Positivismo e as Forças Armadas e, em seus subtítulos: O Positivismo e o Ensino Militar; A Reforma Militar; A Biblioteca do Exército e, a Formação positivista de alguns personagens brasileiros(p.38-54).

Subtítulos que merecem leitura atenta de parte de profissionais militares brasileiros. Obra em cujo Posfácio a professora de Filosofia da UFRJ-UERJ Creusa Capalbo assim se expressou:

"Com efeito Rondon procurou combinar o seu compromisso de militar com a Defesa da Pátria, com as idéias da Religião e da Humanidade

E que Rondon realizou a prática humanista pregada pelos positivistas: buscar a integração dos indígenas com o Brasil em seu processo de desenvolvimento civilizatório. "

A obra do Cel Carneiro, como prefácio, reproduziu o **Credo de Rondon** de inspiração positivista:

"Eu Creio: Que o homem e o mundo são governados por leis naturais.

Que a Ciência integrou o homem ao Universo, alargando a unidade constituída pela mulher, criando, assim, modesta e sublime simpatia para com todos os seres de quem, se sente irmão.

Que a Ciência, estabelecendo o sentimento nato do amor, como a do egoísmo, deu ao homem a posse de si mesmo e os meios de se transformar e de se aperfeiçoar.

Que a Ciência, a Arte e a Indústria hão de transformar a Terra em Paraíso, para todos os homens, sem distinção de raças, crenças, nações – banido os espectros da guerra, da miséria, da moléstia.

Que ao lado das forças egoístas – a serem reduzidas a meios de conservar o indivíduo e a espécie – existem no coração do homem tesouros de amor que a vida em sociedade sublimará cada vez mais.

Nas leis da Sociologia, fundada por Augusto Conte, e por que a missão dos intelectuais é, sobretudo, o preparo das massas humanas desfavorecidas, para que se elevem, para que se possam incorporar à Sociedade.

Que, sendo, incompatíveis às vezes os interesses da Ordem com os do Progresso, cumpre tudo ser resolvido à luz do Amor.

Que a ordem material deve ser mantida, sobretudo, por causa das mulheres, a melhor parte de todas as pátrias e das crianças, as pátrias do futuro.

Que no estado de ansiedade atual, a solução é deixando o pensamento livre como a respiração, promover a Liga Religiosa, convergindo todos para o Amor, o Bem Comum, posto de lado as divergências que ficarão em cada um como questões de foro íntimo, sem perturbar a esplêndida unidade – que é a verdadeira felicidade. "

Rondon ingressou na Igreja Positivista ao final de 1898, como major e como ardoroso membro na teoria e na prática positivista.

A carreira militar de Rondon

Praça em 26 nov. 1881. Alferes - Aluno em 4 jul. 1888. 2º Tenente em 4 jan. 1890. 1º Ten, três dias depois, por serviços relevantes à Proclamação da República, no mesmo ato em que o Marechal Deodoro foi promovido a Generalíssimo e Benjamim Constant a general, em 7 jan. 1890. Capitão graduado em 24 set. 1892. Major, por merecimento, em 8 jul. 1903. Tenente-Coronel, por merecimento, em de 5 ago. 1908. Coronel, por merecimento, em 3 abr. 1912. General de Brigada, em 1º jul 1919. General de Divisão graduado, em 17 dez. 1923. General de Divisão efetivo, em 17 dez. 1924, e reformado no mesmo posto, em 6 nov. 1930, com quase 50 anos de efetivo serviço . Marechal Honorário (Lei nº 2.409, de 27/01/1955) em 5 mai. 1955. Falecido em 19 jan. de 1958, com 92 anos, 8 meses e 14 dias .

O soldado Rondon e as revoluções

Tendo feito curso brilhante de atualização, com a Missão Militar Francesa e, tendo como instrutor o próprio General Gamelin. E além de bem sucedido no comando de uma das peças de manobras nas Manobras de Saicã de 1922, Rondon foi convidado para arbitrar a veracidade ou não "com a sua consciência de homem de bem", o incidente das Cartas Falsas atribuídas a Arthur Bernardes, mas ele declinou em carta ao Senador Raul Soares. Em nosso livro **A Pacificação da Revolta do Contestado 1912/1916 nas Memória e ensinamentos militares de seu Pacificador**. Resende: FAHIMTB, 2013, apresentamos argumentos sobre a falsidade das citadas cartas.

Em 1922 foi convidado inclusive pelo positivista Dr Borges de Medeiros para comandar a Revolução de 1922, o que recusou sob o argumento:

"Somos positivistas e não podemos tomar parte em movimento subversivo, pois o Positivismo nos ensina que é preferível um governo retrógrado do que a mais progressista revolução. Aderir à Revolução é ir de encontro aos princípios que abraçamos que só visam ao bem da Pátria e da Humanidade. O Exército como o concebem os franceses deve ser o grande mudo, pronto a se sacrificar pelo bem da Nação, sem intervir em mesquinhas questões de politicagem ."

De 1º out 1824 a 12 jun 1925, por 8 meses e 12 dias, Rondon exerceu o comando das Forças em Operações contra os revolucionários do General Isidoro Dias Lopes e com o seu QG em Ponta Grossa. Foi para ele a missão mais difícil e um drama de consciência, ter de combater irmãos. Drama para o qual encontrou solução junto com a esposa, depois de ser avisado pelo Major Euclides Figueiredo que o Ministro da Guerra General Setembrino de Carvalho iria convidá-lo no outro dia para a missão, decidiu com a esposa:

“Que a missão era pacificadora em prol do Bem Comum e a serviço da Humanidade e assim da Pátria e da Família e que em consequência tinha obrigação de defender o Governo constituído.”

Foram seus oficiais de Estado-Maior Eurico Gaspar Dutra, Aurélio Góes Monteiro que teriam grande projeção no cenário nacional e no Exército nas décadas de 30 a 50.

Atuou procurando reduzir ao mínimo as consequências da luta fratricida ao usar regimentos policiais da Bahia e Rio Grande do Sul e, assim, evitar lançar integrantes do Exército, uns contra os outros.

A batalha maior foi em Catanduvas. Ali os revolucionários, ao comando do Capitão Nelson de Melo, foram cercados e aprisionados. Rondon forçou a Revolução a internar-se no Paraguai de onde passou para Mato Grosso, ao comando do General Miguel Costa, dando origem à Coluna Miguel Costa / Prestes que passou à História, por manipulação política, como Coluna Prestes, trabalho de reparação histórica a que tem se devotado o Cel Gay Cardoso Galvão, em sua obra **Coluna Prestes Por quê ?** lançada em 1999, com prefácios depoimentos do Gen Hélio Ibiapina Lima e do Cel Jarbas Passarinho e nosso comentário nas orelhas desta esclarecedora obra.

O Gen Rondon cuidou de enviar Nelson de Melo, o futuro comandante do 6º RI, que presidiu a rendição alemã à FEB em Forno, e junto seus companheiros, por caminhos discretos para não serem desacatados e humilhados. Elogiou o revolucionário Capitão Távora que recusou o reforço de tropas paraguaias para lutar contra o governo brasileiro.

Rondon, nesta missão, quase teve o mesmo destino, ali no Paraná, do seu primeiro chefe, o Cel Ernesto Gomes Carneiro, ferido mortalmente no Sítio da Lapa, em 1893, depois de haver cumprido a sua missão de retardar ali os federalistas, pelo tempo necessário ao Presidente Marechal Floriano para reforçar a frente defensiva em Itararé.

Os revolucionários no Paraná elaboraram um plano sinistro para matar Rondon em sua barraca. Plano a ser executado pelo célebre Ten Cabanas, da Polícia Militar de São Paulo. Ocorreu que quando Cabanas atingiu a barraca de Rondon, por obra da Providência Divina, ali não o encontrou. Foi assim que Rondon escapou ao trágico, mas heróico destino de seu amigo e padrinho de casamento e seu primeiro comandante na tropa, Gomes Carneiro.

Antes, Rondon, por pouco, não fora morto por setas venenosas dos nhambiquaras, depois da descoberta do rio Juruema, em 7 set. 1913, conforme contou mais tarde .

"Eu caminhava pela selva e de repente senti um vento junto ao meu rosto. Percebi que era uma seta. Uma segunda flecha roçou minha nuca. Divisei, bem próximo, dois nhambiquaras com arcos retesados prestes a desferir novas flechadas. Disparei duas vezes, sem fazer pontaria e recebi uma terceira flechada. A bandoleira de couro de minha espingarda impediu que a flecha me atingisse o peito. Tratava-se de uma flecha envenenada que figura, hoje, no Museu Nacional. Os estampidos espantaram os índios. Meus companheiros queriam ir ao encalço dos nhambiquaras, mas, fiel ao meu programa de só penetrar no sertão com a paz e jamais com a guerra, não consenti na menor represália. Resolvi, pondo de lado qualquer orgulho militar, bater em retirada. Tive muita dificuldade em convencer o pessoal de que nossa missão devia ser fraternal e pacífica, nunca de guerra!"

O regresso foi difícil. Gastara, na expedição, dois meses e vinte e sete dias. Percorrera 967 Km."

Fala do seu competente desempenho como soldado, no combate à Revolução de 1924, o seguinte aviso do Ministro da Guerra, o Gen Setembrino de Carvalho, no Boletim de 17 ago. 1924, do Departamento da Guerra:

"O General Cândido Mariano Rondon, como Comandante em Chefe das Tropas de Operações contra os rebeldes no Paraná e em Santa Catarina, impôs - se a nossa franca admiração, pela capacidade de que deu provas dos cabais no desempenho das funções a que foi chamado a exercer, tendo realizado com inquebrantável energia cívica uma grande obra em benefício da civilização. Temos por isso de louvar, em nome do Presidente da República, esse general que acaba de enriquecer a sua fé de ofício com uma página brilhante de inteligência, cultura, iniciativa, ponderação, magnanimidade e tenacidade que o tornam incomparável Chefe Militar . "

O Gen Setembrino de Carvalho o considero o Pacificador do Século XX, por haver pacificado a Revolta do Padre Cícero, no Ceará, em 1910; o Contestado, no Paraná e em Santa Catarina, em 1916; e a Revolução de 1923 no Rio Grande do Sul. Chefe que escolheu a dedo Rondon para pacificar a Revolução de 1924, também no Paraná e em Santa Catarina que ele havia pacificado 8 anos atrás , assunto que abordei no meu livro já citado **A Pacificação da Revolta do Contestado 1912/1916 nas Memórias e ensinamentos militares de seu Pacificador**. Resende: FAHIMTB/IHTRGS, 1913. Revolta considerada a maior revolta rural ocorrida na América do Sul.

A Revolução de 30 foi encontrá-lo no olho do furacão — o Rio Grande do Sul. Foi preso em Marcelino Ramos pelo General Miguel Costa que comandara a Coluna Miguel Costa/Prestes. Foi escoltado de Marcelino Ramos a Porto Alegre por juristas enviados por Getúlio Vargas. Pediu para ser preso em navio como o comandante deposto da 3ª RM, mas foi-lhe recusado, sendo acomodado no Grande Hotel, tendo Porto Alegre por menagem. Ali se hospedavam Osvaldo

Aranha e esposa que o procuraram e tudo fizeram para que aderisse à Revolução, o que ele se recusou com a mesma argumentação positivista usada em 1922.

Teve então um grande choque ao ouvir que Juarez Távora havia dito a jornalistas que considerava;

"Rondon dilapidador dos cofres públicos, a distribuir pelo sertão bruto linhas telegráficas aos índios, para lhes servir de brinquedo e que em qualquer país civilizado e policiado, um general como Rondon estaria na cadeia."

Mais tarde, em 29 mai 1956, passadas as paixões políticas, Juarez Távora se retratou em carta a Esther de Viveiros:

"Esclareço que o fato de haver oposto restrição quanto à oportunidade do empreendimento (linhas telegráficas) do Marechal Rondon, não significava despreço pelo conjunto de sua obra sertanista - e aí incluo o nobre esforço de catequese leiga de nossos índios — Rondon foi sem dúvida um pioneiro."

Rondon viveu para conhecer esta retificação de Juarez Távora.

Mas isto contribuiu para o pedido irrevogável de Rondon a Getúlio Vargas, de reforma do Exército, respondido este, com elogios aos seus serviços. Mas aceitou dado ser pedido irrevogável.

Getúlio lhe falou:

"Que Rondon estava em dia com o Serviço Militar no Exército, mas não com os serviços da nação que muito precisa e muito espera deles! "

Magoado, pediu que o submetessem a um Conselho de Guerra ou de Justiça para apurar quaisquer irregularidades. E aí terminou sua vida militar na Ativa.

No Rio cobrou do Ministro da Guerra, General Leite de Castro, o não atendimento de seu pedido de Conselho de Justiça e recebeu como resposta:

"Não se constituirá nenhum tribunal, pois o mais alto tribunal da Nação que é a Opinião Pública, já o julgou general!"

Rondon era então um monumento ambulante da Humanidade e do Brasil e, como tal foi cercado de todas as considerações pela Revolução de 30. E se tornaria um grande colaborador de Getúlio Vargas. Em 1942 em entrevista que solicitou ao Presidente pronunciou memorável discurso em apoio de Getúlio Vargas:

"Por este conduzir a Bandeira política e administrativa da Marcha para o Oeste, visando ao alargamento do povoamento do sertão e de seu aproveitamento agro-pecuário, com fundamentos econômicos mais sólidos e eficientes. Homenagem pela sua expressão de simpatia à raça indígena e disposição de ocupar o vazio do território que permanecia despovoado."

Fez um retrospecto histórico dos modos, tempos e intensidades da Marcha para o Oeste. Comparou as ações de Afonso Pena, na liderança da Marcha para o Nordeste e Norte, com as de Getúlio para o Centro Oeste.

E como sempre exaltou José Bonifácio, o Patriarca da Independência, como pioneiro da redenção do índio brasileiro, secularmente explorado e massacrado.

E, em certa altura, Rondon revelou o motivo principal da homenagem:

"Por o Governo atual haver praticado os seguintes atos que bem evidenciam a firme resolução de prosseguir na senda interrompida no começo de 1931:

1º - Forneceu recursos para o início da reorganização do Serviço de Proteção aos Índios no corrente ano.

2º - Criou o Conselho Nacional de Proteção aos Índios, convergente à solução do dito problema e a esse Conselho assegurou o Presidente todo o seu concurso moral e material."

Principais funções exercidas por Rondon

- Membro da Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Cuiabá ao Araguaia (1890–91), sob a Chefia do Cel Ernesto Gomes Carneiro. Foi quando este colocou sob a proteção do Exército, os índios Bororós, marco inicial da saga rondoniana de proteção aos índios.

- Catedrático substituto de Astronomia e Mecânica Racional da Escola Militar da Praia Vermelha, indicado pelo Gen Benjamin Constant (jun. 1891 – jun. 1892).

- Chefe do 16º Distrito Telegráfico e Inspetor Permanente dos Destacamentos Militares ao longo da Linha Telegráfica Cuiabá - Araguaia (jun. 1892-1893). Foi quando adotou o lema:

"Morrer se necessário for! Matar nunca!"

- Construção da Estrada Estratégica trecho Cuiabá–Araguaia, dentro do contexto de litígio entre Brasil e Argentina, sobre o território das Missões. (1893-98).

- Auxiliar Técnico da Intendência Geral da Guerra (jan/jun 1899), sob a chefia do Gen Francisco de Paula Argolo. O qual, como Ministro da Guerra, iria baixar o Regulamento de Ensino do Exército de 1905, de cunho profissional.

- Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Mato Grosso (1890-1896). Foi quando foram estendidos cerca de 1747 km de linhas telegráficas, entre 17 estações.

- Chefe da Comissão Construtora de Linhas Telegráficas Mato Grosso– Amazonas (1907–1909). Comissão esta que teve por núcleo principal o 5º Batalhão de Engenharia, com missões de Construção, Transporte e Vigilância. Foi escolhida como base de partida a vila Diamantino e a seguir, Tapirapoam, no rio Sepotuba, afluente do Paraguai. Foi depois de 237 dias que no dia de Natal, de 1908, atingiram o rio Madeira, ocasião em que Rondon, exultante, mandou seu corneteiro dar o toque: **- Viva o 5º Batalhão de Engenharia.**

- Diretor do Serviço de Proteção dos Índios e Trabalhadores Nacionais (1910-13), Serviço criado em 20 jun 1910.

- Comissão de Acompanhamento do Cel Teodoro Roosevelt, ex-presidente dos EUA, ao Centro Oeste e Amazonas (out, 1913–30 abr. 1914). Viagem imortalizada nas obras do Capitão Amílcar de Magalhães, **Pelos sertões do Brasil e Impressões da Comissão Rondon** e na obra do Coronel Teodoro Roosevelt nos EUA – **Nas selvas do Brasil.**

- Construção da Linha Telegráfica Cuiabá a Santo Antônio do Madeira, em Rondônia atual (mai. 1914–1º jan. 1915), com 1490 Km e 20 estações, da qual ele executaria a conservação até 1930.

- Campanha Sertanista (1915–19), acumulando a Comissão Construtora de Linhas Telegráficas e o Serviço de Proteção aos Índios.

A partir desta Campanha, Rondon acumulou, por muitos anos, a missão de Construção de Linhas Telegráficas com o Serviço de Proteção dos Índios.

- Diretor de Engenharia do Exército e Chefe das Linhas Telegráficas (20 set 1919–1924). Neste espaço de tempo foi chamado ao Rio, atendendo ao pedido do Rei Alberto da Bélgica e da rainha, interessados em conhecer sua obra. Rondon fez ao rei da Bélgica e esposa minucioso relato de sua atuação, sendo condecorado com a comenda da Ordem do Rei Leopoldo, a maior da Bélgica. Serviu na Missão Militar Francesa, (MMF), a partir de 30 set. 1921 como estagiário, devotado e admirado, sendo apontado como já referimos, pelo General Gamelin, Chefe da MMF, como um general que ele indicaria para a comandar o Exército em caso de um conflito.

- Inspetor das Obras Contra as Secas no Nordeste (25 out.–30 nov. 1922), quando produziu relatório em que assinalava, como uma das causas das secas, a desertificação promovida pelo homem através do desmatamento. Tese que era defendida nos anos 70 pelo Dr Vasconcelos Sobrinho, professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco, em obra específica. Ele me dizia que o rio São Francisco, que atravessava uma região desertificada pelo desmatamento e pecuária, não podia servir a três senhores a um só tempo: a irrigação, a geração de energia e a navegação, se não fosse reflorestada a região por ele atravessada e recuperadas as nascentes de cursos d'água que deságuam no rio São Francisco. Ação esta, pelo simples descanso temporário de suas terras de atividades pecuárias e, em especial, de muares e caprinos. A vegetação para ele abrigaria, no conjunto de suas raízes, as verdadeiras represas a alimentar a perenidade dos afluentes do rio São Francisco, ao contrário das represas a céu aberto, no curso do rio, que possuíam elevado nível de evaporação.

- Comandante das Forças em Operações no Paraná e Santa Catarina, com QG em Ponta Grossa, para combater os revolucionários de São Paulo ao comando inicial do Cel Isidoro Dias Lopes (out 1924–17 dez 1925).

- Inspetor de Linhas Telegráficas (1926), voltado para levantar a Carta de Mato Grosso, ocasião em que tomou parte ativa nas Manobras de Quadros do Estado – Maior do Exército em Pirassununga – SP.

- Inspetor de nossas fronteiras de 15.000 Km por 4 anos (1927–6 nov 1930), tarefa que lhe consumiu na 1ª partida de 257 dias, sendo 10.702 Km por água; 1801 em lombo de cavalo; 2.917 em automóvel e 1816 em ferrovia, num total de 17.316 km . Foi esta a sua última missão no Serviço Ativo, pois a Revolução vitoriosa de 1930, como figura expressiva que ele fora da República Velha, causou-lhe sérios aborrecimentos, levando-o a pedir transferência para a Reserva. Foi reformado como general de Divisão, posto máximo no Exército de então, em 6 nov. 1930.

- Inspetor de Fronteiras (mesmo já reformado), tendo elaborado muitos preciosos relatórios, e Chefe da Comissão Telegráfica (1931–jun. 1934), por insistência de Getúlio Vargas.

- Presidente de Comissão Mista: Peru, Colômbia e Brasil (jun. 1934 – 4 ago. 1938) com vistas ao cumprimento do Tratado de Paz entre o Peru e Bolívia. Desta missão retornou com a perda de uma vista pelo glaucoma e a outra com reduzida visão.

- Presidente do Conselho Nacional de Proteção aos Índios (1939–55), por cerca de 15 anos até falecer, cego e viúvo.

A projeção da obra ciclópica de Rondon

Rondon foi um profissional militar com relevante atuação no episódio de 15 de novembro de 1889. Foi aluno destacado da Missão Militar Francesa (MMF_ em 1921. o Comandante das Forças em Operações no Paraná e em Santa Catarina contra a Revolução de 1924; o semeador de linhas e estações telegráficas no Centro Oeste e na Amazônia, que integraram estas regiões entre si e ao restante do Brasil. Linhas de projeção estratégica na defesa da fronteira em Mato Grosso, ao ligar as localidades fronteiriças de Forte de Coimbra, Porto Murtinho, Bela Vista, Corumbá e Cáceres com o Rio de Janeiro.

Foi o implantador de modernas casernas e obras militares pelo Brasil afora, as quais somaram mais de 86 concluídas em sua administração e 36 em vias de conclusão ao final de sua administração, além da aquisição de 25 imóveis. Entre as obras espalhadas pelo Brasil, sob a direção técnica de Rondon, registrem-se os prédios do atual 1º BPE, construído para ali funcionar a ECEME, o quartel da EsAO, o da ESA, o da antiga Escola de Veterinária e um sem número de quartéis tipo Calógeras, como os de Pouso Alegre e o do 4º BE Cmb em Itajubá, que tivemos a honra de comandar de 1981 a 1982 e cujos registros assinalam a visita de Rondon em 14 out. e em 15 dez .1922, um domingo, e ambas para inspeção das obras executadas pela Companhia Construtora de Santos. Presidida por Roberto Simonsen. A última visita, foi para agradecer a colaboração do Batalhão por ter-lhe enviado sua Seção de Comunicações para o apoiar, no Paraná, no combate a Revolução de 1924, nas cabeceiras do rio Liso. Batalhão cujo comandante Major Volmir Augusto da Silveira registrou em Ordem do Dia de 7 set. 1922 – Centenário da Independência.

"A situação do Exército do ponto de vista da eficiência é florescente. Aí estão: A sua organização, à moderna, para a paz e para a guerra... o seu aquartelamento em casernas higiênicas, confortáveis e ricas de conforto..."

Esta situação de novos quartéis, iniciados pelo Ministro Marechal Hermes, seu primeiro comandante de Bateria, teve grande impulso com o Ministro Pandiá Calógeras, ao entregar a direção técnica a Rondon.

Rondon, quando aluno da Missão Militar Francesa (MMF), teve como seu instrutor o próprio chefe da Missão, o General Gamelin, herói da 1ª Guerra Mundial. Foi quando surgiu uma amizade e admiração recíprocas, ao ponto de Rondon visitar Gamelin em sua casa e ver o seu retrato de consagrado sertanista na sala do mestre. Rondon foi um dos comandantes de uma das peças de manobra das célebres Manobras de Saicã de 1922 e nas de Pirassununga em 1926. Quando perguntado repetimos, ao Gen Gamelin, em caso de uma guerra, quem ele indicaria para comandar o Exército Brasileiro, ele respondeu que indicaria o General Rondon. E acreditamos que tenha seu dedo a indicação de Rondon ao Ministro da Guerra, General Setembrino de Carvalho para pacificar o Paraná e Santa Catarina, em 1924.

Rondon foi defensor e protetor dos índios, atuando como paladino da preservação de suas culturas, desde que o Coronel Gomes Carneiro, seu chefe, decidiu colocar os índios sobre a proteção do Exército, durante os trabalhos de construção de linhas telegráficas, ocasião em que ameaçou com castigos quem praticasse atos hostis contra os índios. E isto, por insistência de Rondon que ficou muito triste, na medida que se internava no sertão, constatar o estado de abandono em que viviam os índios, isolados do resto do Brasil e vistos como inimigos, ou vivendo como escravos, a serviço do branco dominador e cruel. Foi aí que decidiu, por volta de 1890, reverter esta situação e nela se empenhou a fundo por 68 anos, fazendo dela o norte de sua luta pela Humanidade e pelo Brasil.

Ao ser encarregado pelo Presidente Afonso Pena para ligar pelo telégrafo Mato Grosso ao Amazonas, impôs como condição, para aceitar o desafio, autorização presidencial para que as populações indígenas encontradas ao longo da construção da ligação telegráfica, fossem colocadas sob a sua proteção, o que foi aceito.

Rondon considerava os índios como pessoas humanas, com direitos de liberdade e prosperidade. Índios que por suas inteligências poderiam evoluir gradualmente para estágios mais adiantados, pela adaptação de seus costumes primitivos às vantagens da civilização de habitação, alimentação e uso de novas técnicas e ferramentas. Sua teoria foi incorporada em 1910, no então criado Serviço de Proteção dos Índios e dos Trabalhadores Nacionais, de que foi o 1º primeiro presidente e que iniciou a aproximação, a pacificação e a integração dos índios à Sociedade Brasileira. Serviço no qual, com o nome de SPI esteve à frente de 1939 a 1955, até findar os seus dias. Serviço hoje com o nome de Fundação Nacional do Índio – FUNAI.

Como explorador e descobridor de milhares de inéditos exemplares botânicos, em mais de 40 anos percorrendo nossos sertões, a Rondon deve-se a descoberta inédita de 8.000 exemplares de vegetação, 6.000 exemplares zoológicos, bem como centenas de exemplares mineralógicos reunidos em precioso e bem cuidados acervo, espalhados em locais e enumerados em conferência do Dr Alípio de Miranda Ribeiro no **Jornal do Comércio**, (Rio de Janeiro 23 mar. 1916), sob o título de "Trabalhos de Campo publicados sobre Mineralogia, Geologia, Botânica, Antropologia e Zoologia "conferência que proferiu no Museu Nacional, em 26 mar. 1916.

Rondon e seus comandados fizeram numa área de 50.000 Km² completos levantamentos topográficos, geográficos, etnográficos, linguísticos e zoológicos.

Como Inspetor e demarcador de nossas fronteiras, com a missão de nelas proceder minuciosa inspeção, para avaliar a suas condições de povoamento, de segurança e de soberania, plantaram, do Oiapoque ao Chuí, em 3 campanhas, marcos de afirmação da Soberania do Brasil, complementando a obra dos

desbravadores, fronteiros, militares e diplomatas brasileiros, durante mais de 3 séculos de História do Brasil.

Para se ter uma idéia, na 1ª Campanha, ela consumiu 257 dias contínuos. Os inspetores e demarcadores percorreram 10.702 Km por água; 1801 Km a cavalo; 2.917 de automóvel e 1.896 por ferrovia, num total de 17.316 Km percorridos. Somente para reconhecimentos no Pará e Amazônia foram percorridos 12.140 Km. Rondon cumpriu fielmente a missão e dela deixou preciosos relatórios muito bem documentados, inclusive fotograficamente, os quais, em grande parte, os encontrei como adjunto da Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército,(CHEB/EME) em Brasília, em 1971/74. Esta missão inspetora se transformou igualmente em instrumento de boa vizinhança com os países fronteiros do Brasil.

Como geógrafo, Rondon levantou a carta de Mato Grosso e a do extremo norte em território limítrofe com Guiana Francesa e Alto Rio Branco, na escala 1/500.000. Em relação a Mato Grosso, pouco teve de realizar o Serviço Geográfico na Carta Geográfica do Brasil iniciada em 1903. Em todas as comissões construtoras de linhas telegráficas, Rondon, paralelamente, fazia levantamentos topográficos e geográficos com vistas a corrigir nas cartas locais locais com imprecisões.

Como acompanhante do Presidente dos EUA Cel Teodoro Roosevelt em viagem de estudos, através de Mato Grosso e Amazonas, de 12 dez. 1913 a 30 abr. 1914, Rondon foi secretariado pelo Capitão Amilcar Botelho de Magalhães que escreveria três livros sobre o feito, como os já citados e, mais, **A Obra Ciclópica do General Rondon**. (Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1956).

O grande objetivo fora o reconhecimento do rio de Dúvida, que Rondon batizou de rio Roosevelt e um afluente dele de Alfredo de Taunay.

Nesta penosa jornada gastaram 59 dias para percorrerem 686 Km.

Roosevelt emitiu o seguinte conceito sobre Rondon em seu livro citado:

"O Coronel Rondon tem, como homem, todas as virtudes de um sacerdote. É um puritano de uma perfeição inimaginável na época moderna.

Como profissional e cientista de escol, tão grande é o conjunto de seus conhecimentos que se pode considerar o Coronel Rondon um sábio...

Nunca vi, nem conheço obra igual. Os homens que junto com Rondon a estão realizando, são, pela sua abnegação e patriotismo, os maiores que existem...!"

Olintho Pillar, em seu clássico **Os Patronos das Forças Armadas**. (Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1982), assim se referiu à obra de Rondon:

“Trinta anos em plena selva consolidaram a personalidade de Rondon, esse esclarecido soldado, geógrafo dinâmico, redentor do índio, bandeirante do século XX, apóstolo da paz, um dos filhos prediletos do Brasil, cujos sertões e florestas por ele desbravados servem hoje de pedestal a sua glória imperecível.”

Usando a linguagem indígena corrente no Rio Grande Sul, o classificamos como o maior Tapejara de todos os tempos no Brasil. Tapejara no sentido de conhecedor de caminhos.

O conjunto de sua obra ciclópica Rondon a mandou publicar, como Presidente do Conselho Nacional de Proteção aos Índios (CNPI). Levantamento do resultado de pesquisa feita por seu secretário no CNPI Cel Amílcar Armando Botelho de Magalhães e do Cel Francisco Jaguaribe Gomes de Matos, Chefe do Serviço de conclusão da Carta de Mato Grosso. Levantamento este, cujo original integra o acervo do Museu Histórico do Exército no Forte de Copacabana.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA/CNPI. **Catálogo geral das Publicações da Comissão Rondon e do Conselho Nacional de Proteção dos Índios**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1950.

O Coronel João Marinônio Aveiro de Carneiro em **Filosofia e Educação na obra de Rondon** citada, relaciona e descreve, ao final, o conteúdo de 49 publicações relacionadas com a obra de Rondon.

Com estas indicações pode o leitor e o pesquisador interessados resgatar os mais variados aspectos da obra de Rondon.

A consagração de Rondon

O Marechal Rondon foi agraciado pelo Exército com a Medalha Militar de Ouro passador de platina, por mais de 40 anos de Bons Serviços e com a Grã-Cruz da Ordem do Mérito Militar.

Foi distinguido nacionalmente com a Medalha de Ouro Mérito da Sociedade Geográfica Brasileira e Medalha da Colônia de Mato Grosso no Rio de Janeiro.

Foi distinguido, fora do Brasil, com a Grã Cruz da Legião de Honra da França, da Ordem do Mérito da República da Itália e da Ordem Isabel a Redentora de Portugal. Grande Oficial da Ordem do Sol do Peru, da Ordem Boyacá da Colômbia. Comendador da Ordem La Couronne da Bélgica e medalhas Crevaux da Sociedade Geográfica de Paris e, de bronze do Clube de Exploradores dos EUA.

Hoje o nome de Rondon é reverenciado das mais diversas formas. Se constituiriam em livros numerosos as apreciações da vida e obra de Rondon. Delas selecionamos a do acadêmico Alcides Maya, filho de São Gabriel e a quem se deve, em grande parte, a denominação de **São Gabriel a Atenas Brasileira**, como também de **A Terra dos Marechais** e autor do clássico **Tapera** de contos regionais gaúchos (Rio de Janeiro: Garnier, 1913).

"Na obra de Rondon tudo me comove. Não vejo apenas o deserto que ele devassa nas jornadas que empreende. Não me seduz o horizonte que desenha o seu arco. O que me fascina é o seu espírito, o seu princípio de amor, a sua violência de amor. Rondon é uma energia de coração. Rondon é um apóstolo. Que lhe importaria vencer o sertão deserto, se, com ele, não viessem para nós as almas rudes? Que importariam a árvore, a cachoeira, a flecha homicida, a febre se, depois de afrontar o ermo, ele não trouxesse para a civilização os extraviados da selva? A medida de sua obra é a felicidade do homem"

Ainda do ex-presidente dos EUA Cel Teodoro Roosevelt:

"Rondon não é apenas um oficial e gentleman brasileiro, como os que mais o são, nos mais bem organizados exércitos do mundo. É também excepcional, audaz e competente explorador, ótimo naturalista, cientista, estudioso e filósofo. Com ele a conversa vai da caçada de onças e dos perigos da exploração do sertão, à antropologia indígena. Dos perigos da civilização industrial, puramente materialista, à moralidade positivista. O Positivismo do Coronel Rondon é realmente a Religião da Humanidade. Doutrina que o impele a ser justo, bondoso e útil, a viver corajosamente a sua vida e, com igual bravura afrontar a morte"

O poeta Coelho Neto, sobre a obra de Rondon e de seus colaboradores, escreveu:

"Tudo lhes era adverso. Mas a voz enérgica do chefe, cada qual dava conta do que fizera. E desse herói Rondon que regressa do deserto, desse civilizador e pacificador, semeador de povos que serão cidades, plantador de roças que serão lavouras, dirão mais tarde às gerações brasileiras agradecidas repetindo o poeta:

Tu cantarás na voz dos sinos, nas charruas,

No esto da multidão, no tumultuar das ruas,

No clamor do trabalho e nos hinos da paz!

E subjugando olvido, através das idades,

Violador de sertões, plantador de cidades,

Dentro do coração do Brasil viverás..."

O Projeto Rondon – a consagração universitária de Rondon

Em 28 jun 1968, por Decreto Presidencial nº 62.927, foi criado em caráter permanente o Grupo de Trabalho Projeto Rondon, subordinado ao Ministério do Interior, com a **finalidade de promover estágios de serviço para estudantes universitários, objetivando conduzir a juventude a participar do processo de Integração Nacional.**

E por mais de 20 anos atuou, até a sua extinção, por Medida Provisória nº 28 de 1989, promulgada pelo Senado, como Lei nº 7.732, em 14 fev 1989, já como Fundação Projeto Rondon.

E neste espaço de tempo, os universitários se interiorizaram no Brasil conhecendo as suas realidades e ajudando as populações de diversas formas. Tivemos a oportunidade de idealizar o 1º Projeto Rondon na área cultural e coordenar pelo Exército, o então Projeto Rondon dos Guararapes, em 1970, em que solicitamos estudantes de História, Biblioteconomia etc, recrutados em todo o Brasil, os quais, ao lado de 3 cadetes da AMAN, (Dentre eles o hoje General Div R/! Jorge Armando de Almeida Ribeiro) foram encarregados de fazer um levantamento histórico dirigido, da Insurreição Pernambucana, com vistas a construção do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, cujo planejamento, construção e inauguração coordenamos. Parque que foi inaugurado em 19 abr 1971 pelo Presidente Emílio Garrastazú Médici. E tanto se aplicaram na pesquisa que conseguimos com a SUDENE que publicassem uma obra coletiva que foi chamada **O Projeto Rondon nos Guararapes**, patrocinada pelo MINISTÉRIO DO INTERIOR e prefaciada pelo Gen Ex João Bina Machado, Comandante do VI Exército. Na inauguração do Parque, os estudantes retornaram cada um trazendo a bandeira de seu estado que foi hasteada ao lado das bandeiras do Brasil e de Portugal. A última hasteada por um cadete de Engenharia do Exército de Portugal mandado para este fim, como homenagem a mim.

Coordenamos pelo Exército, como adjunto da Presidência da Comissão de História do Exército do EME, o **Projeto Rondon Arquivos 1**. Consistiu na formação de monitores preparados pelo Coronel Francisco Ruas Santos e vindos de todo Brasil. Ao retornarem, lideraram estagiários do Projeto Rondon para avaliarem os arquivos oficiais em todo o Brasil, alertando da importância dos mesmos para a formação da consciência da identidade e da perspectiva histórica do Brasil, por integrarem o grande conjunto das fontes primárias da Memória Nacional.

Como homenagem a Rondon e seus bravos colaboradores, falta ser contada em filmes, pela TV, toda trajetória vivida por este ilustre brasileiro, Trajetória esta

que a Humanidade deve ter conhecimento, uma vez que ela servirá como lição preciosa às futuras gerações. Filmes que resgatem e divulguem.

“As ilíadas e odisséias cívicas, sepultadas nos relatórios da Comissão Rondon, nos quais a grandeza do Brasileiro apresenta fulgores incomparáveis, e tudo feito com a modéstia e a simplicidade de gente para quem o heroísmo e o sacrifício da vida em serviço da Pátria são ato banal e corriqueiro.”

Marechal Rondon o Patrono da Delegacia da FAHIMTB, em Santo Ângelo RS, sede do 1º Batalhão Divisionário de Comunicações, o Guardião do Museu particular do Marechal Rondon.

Escrevemos a História desta Unidade em parceria com o Cel Luis Ernani Caminha Giorgis. No livro **3ª Divisão de Exército. Divisão Encouraçada Bicentenário**. Resende: AHIMTB/IHTRGS, 2008. p.246/249 do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul que desenvolvemos. Unidade originária da 1ª Companhia de Transmissões da 1ª Divisão Expedicionária, oriunda da Companhia Escola de Comunicações, que integrou o efetivo brasileiro na Itália, no 1º semestre de 1945, participando ativamente das ações decisivas de Monte Castelo e Castelnuovo e, na Ofensiva para as conquistas de Montese e Zocca. O 1º B Com Ex instalou-se em Santo Ângelo em 1º de fevereiro 1993 em muito concorrida cerimônia militar.

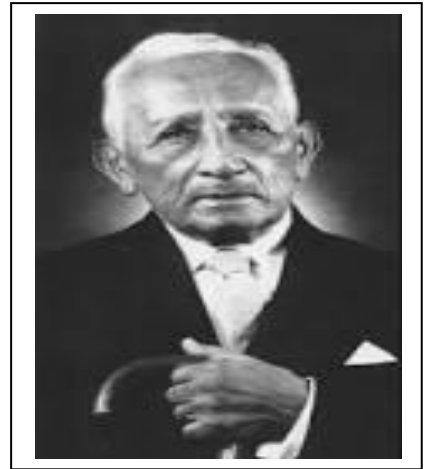
No Comando do Cel Com Claudio Alfredo Dornelles e a seu convite, lá estivemos para empossá-lo como Acadêmico da então AHIMTB e também como Delegado da Delegacia da AHIMTB Marechal Cândido Mariano Rondon, então criada, e na tentativa fazer frente ao culto ao índio Sepé Tiarajú, como herói nacional, o qual foi instrumento dos jesuítas para se oporem as soberanias do reinos de Portugal e Espanha, que haviam decidido trocar os Sete Povos das Missões, a ser povoado por casais de açorianos, para ali enviados por Portugal, por Colônia do Santíssimo Sacramento portuguesa, que passaria daí por diante para Espanha, pondo fim a uma disputa militar e diplomática que se arrastava há 70 anos.

Em razão desta intervenção dos jesuítas, não foi cumprido o Tratado de Madrid, foi eliminada expressiva parcela da população masculina de índios missionários que enfrentaram tropas de Portugal e Espanha em diversos encontros e, o índio Sepé Tiaraju foi morto em São Gabriel atual, pelo então Governador de Montevideu. Em decorrência Espanha e Portugal expulsaram os jesuítas de seus domínios na América do Sul. O culto a lendária memória de Sepé Tiaraju que enfrentou as soberanias de Espanha e Portugal na Guerra Guaranítica e que virou “História”. Soberania herdada pelo Brasil em sua Independência, mas afrontada pela lenda de Sepé Tiarajú e seu bordão. **“Esta terra tem dono”**, usada politicamente pelo MST e inclusive foi usados blindados do Exército Brasileiro nas Missões. Marechal Rondon que no Paraná fez frente a Coluna Miguel Costa Prestes, e generalizada como Coluna Prestes, esta pequena nascida em Santo Ângelo, com a

Revolta de Prestes, do 1º Batalhão Ferroviário, a qual que se juntou a Grande Coluna Miguel Costa, originária de São Paulo e passou a ser chamada de Coluna Miguel Costa Prestes, fato reconhecido por Prestes em entrevista a uma TV em São Paulo, em presença do General Miguel Costa. História é verdade e Justiça!



Nas fotos a esquerda, o General Rondon ao lado do ex-presidente dos EUA Cel Theodoro Roosevelt em sua histórica expedição, em Mato Grossos e Amazônia 1913/1914. À direita a foto do Marechal Rondon, próximo do fim de sua preciosa e exemplar vida.



Na foto seguinte, o historiador e geógrafo General Cândido Mariano Rondon, na inauguração do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB), na sede do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB), em 1941, na foto abaixo em posição de destaque o General Rondon. Já uma lenda viva no Brasil e no exterior aos 77 anos. Nesta época na Europa se desenvolvia a 2ª Guerra Mundial e o Brasil se preparava organizando a sua Defesa Territorial.

O Historiador e Geógrafo Marechal Cândido Mariano Rondon



Personagens numeradas de 1 a 25. De cima para baixo, da esquerda para direita: 1) Salgado Filho, Ministro da Aeronáutica. 2) General Eurico Gaspar Dutra, Ministro de Guerra. 3) General Valentim Benício, Secretário do Exército e criador da BIBLIEx, editora. 4) Gustavo Capanema, Ministro de Educação. 5) Almirante Aristides Guilhobel, Ministro da Marinha. 6) Ministro Aulfo Alves. 7) Carlos de Macedo Soares, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), o guardião, desde 1925, da invicta espada do Duque de Caxias, sócio honorário desta instituição então já centenária. 8) General Augusto Tasso Fragoso, já consagrado historiador de Exército. 9) Cel Genserico Vasconcellos, o historiador da Guerra de 1851/1852, contra Oribe Rosas. 10) General Danton Garrastazú Teixeira. 11) Capitão Severino Sombra, o criador da Revista Militar Brasileira. 12) Almirante Frederico Vilar, historiador naval. 13) Capitão Adailton Pirassinunga, historiador do Ensino Militar no Brasil Colônia e professor da Escola Militar de Realengo. 14) Tenente Aviador Egon Prates, historiador. 15) Cel Jaguaribe de Mattos, historiador. 16) General Cândido Mariano Rondon, historiador geógrafo. 17) General João de Lima Figueiredo. 18) Jonathas de Moraes Correia, irmão do grande historiador militar General Professor Jonas Correia. 19) Cel Luiz Lobo. 20) Major Lima Figueiredo, historiador militar. 21) Almirante Manoel Nogueira da Gama. 22) Major Antonio Leôncio da Gama. 23) Capitão de Fragata Cesar Xavier 24) Cel Álvaro de Alencastro e 25) Cel Francisco de Paula Cidade destacado historiador e geógrafo militar, autor do precioso livro **Síntese de 3 séculos de Literatura Militar Brasileira** e professor de História e Geografia Militar na Escola Militar de Realengo, no comando de Cel José Pessoa que dinamizou o estudo destas matérias em seu comando, tendo nela introduzido o ensino de Geografia Militar ou Geobélica, consistente do estudo do Terreno, como um dos fatores da Decisão Militar, pelo grau que ele representa numa operação militar no tocante aos seus elementos topo tácticos: Cobertas e Abrigos, Campos de Tiro e de Observação, Obstáculos e Vias de Acesso. Dos historiadores presentes nesta histórica seção foram consagrados patronos de cadeiras ou de Delegacias os seguintes numerados com os números: 3); 8); 9); 11); 13); 16); e 25). (Fonte : Foto na **História do Exército Brasileiro, perfil militar de um Povo**, Rio de Janeiro: EME, 1972.3º volume p.1059. Pagina que traz esta reflexão:

“O Exército nos estudos de Geografia e História Militar. A consciência da importância do papel das Forças Armadas, na formação da nacionalidade pode ser considerada fator primordial no desenvolvimento dos estudos de História e Geografia, nos quartéis e alhures nas últimas 3 décadas. Caso particular do Exército, soma-se, o interesse maior provocado pela Missão

Militar Francesa. Decorrência lógica destes fatores foi a criação do Instituto de Geografia e História Militar (IGHMB) , congregando oficiais das três forças armadas e civis.”

O IGHMB possuiu por longos anos sua sede, no antigo prédio do Senado, na Cinelândia. Teve como sede por longo período o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e depois no PDC no seu 12º andar e, finalmente na Casa de Deodoro.

A foto representa um dos maiores momentos de cultura da História e Geografia Militar, o que atesta o alto nível da reunião com a presença de autoridades militares e civis brasileiras, mais expressivas, nesta histórica cerimônia.

A este tempo, sendo Ministro da Guerra o General Gois Monteiro, foi criado em 1937 o Arquivo do Exército, hoje Arquivo Histórico de Exército, formado com a incorporação de preciosos documentos do Ministério de Exército e de Estado-Maior do Exército, e sem nenhuma ligação com o Arquivo Real Militar, segundo os historiadores e patronos de cadeira na FAHIMTB , generais Aurélio de Lyra Tavares e Francisco de Paula Azevedo Pondé. Pois fora uma instituição integrada por engenheiros militares e guardião de cartas topográficas e marítimas e plantas de instalações militares. Na administração do Ministro da Guerra General Eurico Gaspar Dutra, foi criada a Secretaria de Exército comandada pelo General Valentim Benicio que criou a Biblioteca Editora, no moldes de similar no Exército da Argentina, a qual veio reforçar a equipe da Revista **A Defesa Nacional**, criada 1913, por oficiais idealistas chamados “Jovens Turcos”. O general Valentim Benicio criou uma estrutura de apoio gráfico que publicou diversas revistas inclusive a **Revista Militar Brasileira** e por longo tempo a preciosa revista do IGHMB. A BIBLEx Editora passou a publicar de preferência livros produzidos por oficiais historiadores do Exército.

A primitiva Biblioteca do Exército criada pelo Barão de Loreto, se destacava por possuir um acervo literário civil, que não respondia as necessidades do Exército, como força operacional e foi segundo consta desativada pelo Ministro General Fernando Setembrino de Carvalho, ao concluir segundo informes que recebi do Cel Francisco Ruas Santos e sob o seguinte argumento.

Depois de 1905, sob a égide do profissionalismo militar, que substitui o bacharelismo militar, o general Fernando Setembrino de Carvalho, teria constatado na Pacificação da Revolta do Contestado que na cultura geral de

seus oficiais predominava cultura literária civil e não a profissional. Daí ele ter desativado a primitiva Biblioteca do Exército e a cultura militar profissional ter ficado a cargo da Revista **A Defesa Nacional**.

Biblioteca do Exército recriada em 1937, com toda força como editora, e como fonte de consultas aos militares do Rio de Janeiro, reforçou a corrente do Pensamento Militar Brasileiro, contando com o forte apoio da Seção de História e Geografia do Estado-Maior de Exército, por onde passaram diversos destacados historiadores militares. Seção cuja pujança constatei em 1966, como aluno da ECEME, em aula ministrada por seus responsáveis.

Repartição esta desativada em Brasília por volta de 1970 e transferido o seus encargos relacionados com História e Geografia Militar, para a Comissão de História do Exército do EME, (CHEB/ EME), subordinada a sua Seção de Doutrina. Mas em razão do seu presidente, o historiador Cel Francisco Ruas Santos ser mais antigo do que o chefe da Seção de Doutrina, ela passou a subordinar-se ao Gabinete da Chefe do EME.

Esta (CHEB/ EME) durante cerca de 4 anos, sob a Chefia do EME, pelo hoje historiador militar e patrono de cadeira na FAHIMTB Gen Ex Alfredo Souto Malan, realizou relevantes trabalhos entre eles o projeto e coordenação da obra sob a égide do EME, **História do Exército Brasileiro – Perfil Militar de um Povo**– 3v, contribuição do Exército ao Sesquicentenário da Independência. E desenvolveu a Teoria de História das Forças Terrestres Brasileiras, divulgada em manual do EME **Sistema de Classificação de Assuntos da História das FTB**. Sistema que reproduzimos no tocante ao Emprego das FTB, em nosso manual, aprovado e publicado pelo EME em 1978, 1 edição e em 1999 2ed. Intitulado **Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro**.

Extinta em 1974, a Comissão de História do Exército foi transferido o seu acervo de História e Geografia para o então criado do Centro de Documentação do Exército, onde bibliotecárias por ele contratados mudaram a classificação dos documentos e livros à luz da **Teoria de História das FTB** do EME. Para o sistema padrão de Biblioteconomia.

E de lá para cá se passaram mais de 40 anos e eu como historiador militar de vocação há 44 anos, por hobby e muitas vezes meus conhecimentos aproveitados profissionalmente pelo Exército, acumulei precioso e vasto acervo de História das Forças Terrestres e, em especial na sede da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), desde 21 abril de 2011 acolhida no interior da AMAN, pelo seu Comandante o então Gen Bda

Edson Leal Pujol , hoje acadêmico da FAHIMTB, titular da cadeira Marechal José Pessôa. Apoio continuado no comando do Gen Bda Júlio, Cesar de Arruda e do Gen Bda Tomas Miguel Miné Paiva, ao qual por seu intermédio doe em boletim a AMAN, todo o citado acervo que acumulei e com a ressalva: Todo o documento carimbado em azul com a expressão DOADO A AMAN C. M. BENTO AHIMTB ou equivalente, integra esta doação.

Salvo melhor juízo, este acervo é o único que o Exército dispõe, classificado à luz da Teoria de História das Forças Terrestres do Brasil do EME. E tenho me empenhado desde 2011, quando a FAHIMTB foi acolhida no interior da AMAN, para quando eu não tiver mais condições de continuar, passar este Arquivo para pessoas capazes de preservá-los e colocá-lo a serviço da pesquisa de História Militar do Brasil, com apoio em nossa experiência adquirida sobre o assunto em mais de 44 anos.

Hoje com mais de 83, me orgulho de servir ao Exército há mais de 65 anos, como profissional e seu historiador e instrutor de História Militar Critica, direta ou indiretamente, a todos os oficiais gerais combatentes, de Divisão e de Brigada que assistiram minhas aulas 1978-1980, na AMAN, ou estudaram nos livros textos de História Militar que coordenei e enriqueci e patrocinados pela EME: **História Militar do Brasil 2v. E História da Doutrina Militar da Antiguidade a 2ª Guerra Mundial** e de minha autoria o Manual **Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro**.

Integrei a Cadeira de História na AMAN, ao tempo em que seus oficiais se intitulavam instrutores e era função privativa de oficiais de Estado-Maior, segundo o Cel Francisco Ruas Santos, que introduziu o Ensino de História Militar Critica, na AMAN em 1961, ao invés da até então predominante História Descritiva, cujos fatos não eram analisados à luz dos Fundamentos de Arte e Ciência Militar. Modificação segundo ele emanada da ECEME, sob a influencia do General Humberto de Alencar Castello Branco.

De lá para cá houve muitas modificações no ensino de História Militar da AMAN, sendo que em 1999 depois de cerca de 20 anos, os citados manuais textos de História Militar na AMAN, **História da Doutrina Militar e História Militar do Brasil** foram aposentados, bem como o nosso **Manual Como Estudar e Pesquisar a História do Exército Brasileiro**.

Para tentar retomar esta situação de os cadetes alunos de História Militar na AMAN serem compensados pela aposentadoria dos livros textos (os livros azuis) a FAHIMTB publicou em 2014 o livro **Brasil Lutas contra invasões, ameaças e**

pressões externas, dos quais 1000 foram doados ao Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEX) e a pedido de seu chefe, o Gen Ex Uelinton José Montezano Vaz, a nossa sugestão, da maneira de distribuí-los às escolas do Exército, bem como as maneiras de usá-los, para que assim todos os profissionais do Exército, conheçam o passado do Exército que defende o Brasil, e tenham orgulho de seu presente e contribuam para construir o seu futuro, e, com o progressivo no desenvolvimento de sua Doutrina Militar genuína, com apoio no que de melhor existir nos demais exércitos do mundo. E cultuando a sua História Militar Crítica à luz dos fundamentos de Arte e Ciência Militar e a sua Geografia Militar, no tocante ao estudo do Fator da Decisão Militar, e à luz dos seus fatores tópicos, onde poderão se desenvolver Operações Militares, Dimensão que o Coronel José Pessoa trouxe e introduziu na Escola Militar de Realengo em notas de aula; de autoria do então Major Francisco de Paula Cidade e publicada mais pela BIBLIEX em 1940, um ano antes da foto, acima sob o título **Notas de Geografia Militar Sul Americana**. Ensino que também introduziu na ECEME, e o lecionou até de partir para comandar unidade de Infantaria em Corumbá, durante a Guerra do Chaco entre o Paraguai e Bolívia. O General Paula Cidade foi nosso patrono de cadeira no IGHMB e que figura na foto acima. E em nosso discurso de posse no IGHMB, sobre sua vida e obra como soldado e historiador do Exército, o focalizamos com detalhes em artigo General Francisco Paula Cidade um soldado ao serviço do Exército Brasileiro. Na **Revista a Defesa Nacional** nº 709, ser/out, 1983.p.13/35

Pretendemos este ano de 2015, se possível, com o apoio financeiro da FHE-POUPEX e na condição de PTTC, publicar com base em trabalhos patronos de cadeiras e acadêmicos da FAHIMTB publicar a obra **Brasil Lutas Internas 1500-1916**, para também doar parte ao Sistema de Ensino do Exército.

E também. Se tivermos apoio, republicar atualizada, a obra **História da Doutrina Militar** nela incorporando as lutas externas ocorridas depois da 2ª Guerra Mundial e suas contribuições para a evolução da Doutrina Militar.

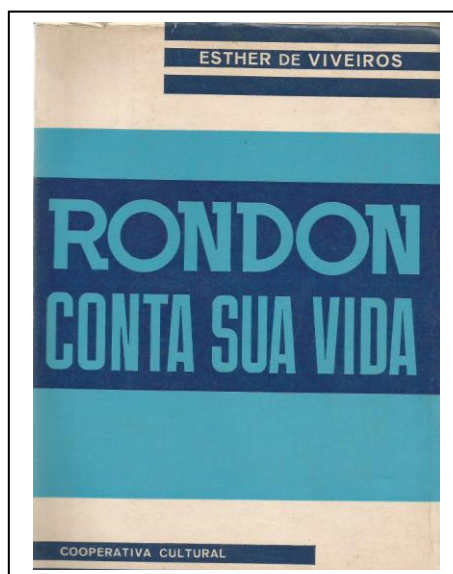
Mas para tal é necessário dinheiro. E vale lembrar Napoleão Bonaparte ao afirmar:

‘ - O sucesso de um empreendimento depende de quatro fatores:

1. Uma boa idéia; 2. Dinheiro; 3. Dinheiro; e 4. Dinheiro!

E isto afortunadamente tem sido pouco, mas militares do Exército amantes de nossa instituição e a FHE POUPEX e outros sócios fora dos quadros do Exército tem nos socorrido, bem como a AMAN que nos acolheu em suas instalações externas de 1996 a 2010 e a partir de 2011, em seu Bicentenário, em seu interior.

Os tempos de lá para cá mudaram. Naquela época durante a 2ª Guerra Mundial, mais oficiais se dedicavam a produção de obras de História Militar do Brasil Descritiva e não História Militar Crítica à luz dos Fundamentos da Arte e Ciência Militar . Dimensão profissional que chegou ao Brasil trazida pelo Ten Cel Humberto de Alencar Castelo Branco, Oficial de Operações da FEB e Curso no Exército dos Estados Unidos. Dimensão introduzida na AMAN em 1961 pelo historiador militar e veterano da 2ª Guerra Mundial da Defesa Territorial do Brasil no Norte e como Capitão do 11º RI na FEB. Dimensão que tomamos conhecimento e praticamos na ECEME 1968/67 e a aplicamos em nosso primeiro livro **As Batalhas dos Guararapes descrição e análise militar**. Recife: UFPE, 1971 e em outras obras.



(X) Acadêmico Grande Benemérito, presidente e fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), sediada no interior da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), onde foi instrutor de História Militar (1978/1980). É membro Benemérito do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. (IHGB). Foi adjunto do Cel Francisco Ruas Santos na Comissão de História do Exército Brasileiro do Estado-Maior do Exército 1971/1974 e instrutor de História Militar na AMAN 1978 1980. Como oficial do Estado-Maior, do hoje Comando Militar do Nordeste foi encarregado de coordenar o Projeto, Construção e Inauguração do Parque Nacional dos Montes Guararapes inaugurado em 19 de abril de 1971, pelo Presidente Emílio Garrastazu Médici, quando então ali lançou seu 1º livro **As Batalhas dos Guararapes descrição e análise militar**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1971. E sócio das Academias Portuguesa de História, da Real Academia de História de Espanha, da Academia Argentina de História e dos Institutos Históricos do Uruguai e Paraguai. Dirigiu o Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul consistente de 21 obras sobre suas Grandes unidades com sínteses biográficas de todos os seus comandantes sob o sub título. Os comandantes da Grande Unidade, suas experiências profissionais, ações e lições de comando. Acaba de lançar o livro **Brasil Lutas contra Invasões, ameaças e pressões externas**. E no momento prepara o livro **Brasil Lutas Internas 1500/1916**, com complementos de fontes históricas produzidas por patronos de cadeiras e acadêmicos sobre as lutas internas que tiveram lugar nos últimos 100 anos. Presidente fundador das Academias de História de Resende e Itatiaia. E também jornalista. É Comendador do Mérito Militar. Iniciou sua vida militar no Exército em 1950, como Soldado da 3ª Companhia de Comunicações, acantonada no 9º Regimento de Infantaria , O Regimento Tuiuti, o Regimento de Antônio de Sampaio, O Patrono da Arma de Comunicações. E-mail: bento1931@gmail.com
Site: www.ahimtb.org.br

